
LEIA NESTA EDIÇÃO:

1 – Um minuto de reflexão; 2 - Pesquisadora estuda problemas no desenvolvimento das abelhas; 3 - Conheça uma abelha brasileira que praticamente não produz mel; 4 - 8º Encontro Estadual de Meliponicultura; 5 - Criadores de abelhas sem ferrão do Maranhão visitam Alagoas; 6 – Carta ao Ministro Carlos Minc; 7 - UFPB apóia curso de especialização em Meliponicultura; 8 - Mel de abelhas nativas com recorde de produção; 9 - Acontece a primeira reunião de 2009 do Grupo de Curitiba e Região de Meliponicultura; 10 - Reunião Mensal do Grupo de Curitiba e Região de MELIPONICULTURA: 28 de maio de 2009, anfiteatro da SEAB.

1 – Um minuto de reflexão

. “ Possuímos em nós mesmo pelo pensamento e a vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea.” - Allan Kardec.

. Se você não quer ser esquecido quando morrer, escreva coisas que vale a pena ler ou faça coisas que vale a pena escrever.” – Benjamin Franklim.

2 - Pesquisadora estuda problemas no desenvolvimento das abelhas

A produção de mel na baixada maranhense ainda funciona de forma artesanal. A criação da Tiúba é comum dentro das casas dos cultivadores por ser uma espécie de abelha nativa que não possui ferrão. Sob esse ponto de vista, o Departamento de Biologia da UFMA, desde de 2007 desenvolve a pesquisa “Flores e Abelhas na Baixada Maranhense”.

A primeira parte da pesquisa é financiada pela FAPEMA. O projeto começou em dois municípios maranhenses Palmeirândia e Anajatuba, a 308 km e 138 km, respectivamente, de São Luis. Segundo a pesquisadora Patrícia Maia Correia Albuquerque, o projeto nasceu da necessidade em solucionar problemas para o desenvolvimento da meliponicultura (criação de abelhas indígenas sem ferrão) nativas da região.

No caso da Tiúba, há pouco conhecimento das espécies de plantas que colaboram para o aumento dos enxames de abelhas e na produção de mel. “Precisamos saber de fato quais plantas entram na produção do mel pelas Tiúba, melhorar a atividade da meliponicultura agregando valores como: limpeza e higiene o fomentar a discussão sobre a produção para que não fique de modo artesanal”, explica.

De acordo com a pesquisadora, o projeto segue os seguintes passos: os pesquisadores realizam um questionário sócio econômico com intuito de saber dos meliponicultores se a produção da Tiúba é a uma única fonte de renda, se é possível escoar a produção e se além da Tiúba o grupo cria outras espécies de abelhas.

A segunda etapa é a escolha de um meliponário (espécie de fazenda para criação de abelhas). Para Patrícia, esta fase da pesquisa é fundamental para coleta de plantas em volta da fazenda para o início dos trabalhos. A “Análise Polimica” em laboratório corresponde a etapa seguinte. As abelhas trazem na ponta de suas patas uma certa quantidade de pólen e este material é extraído para que haja a identificação das plantas que não foram identificadas na etapa anterior.

O projeto será aplicado em mais oito municípios da Baixada Maranhense. Na fase final do estudo, será publicadas cartilhas educativas sobre as plantas e sobre o cultivo das abelhas.

Fonte: Veículo: iMirante - Seção: Plantão - Data: 27/04/2009 - Estado: MA

3 - Conheça uma abelha brasileira que praticamente não produz mel

O convite de um criador de abelhas nos leva, agora, para o Maranhão. No e-mail, seu Wilson Melo, do município de Barra do Corda, conta que tem mais de 600 colméias de uma abelha brasileira que praticamente não produz mel. Só pólen e própolis. É a tubi.

O convite de um criador de abelhas nos leva, agora, para o Maranhão. No e-mail, seu Wilson Melo, do município de Barra do Corda, conta que tem mais de 600 colméias de uma abelha brasileira que praticamente não produz mel. Só pólen e própolis. É a tubi. Como o seu Wilson diz no e-mail que ficaria muito satisfeito em um dia receber a visita do Globo Rural, o César Dassie e o Sandro Queiroz aceitaram o convite.

O município de Barra do Corda fica no sul do Maranhão, a 450 quilômetros de São Luís. Lugar onde o rio Mearim se encontra com o rio corda e essas águas dão o frescor para as crianças e o sustento para as lavadeiras. Como já sabia da nossa visita, seu Wilson espalhou faixas pela cidade desejando boas vindas para nossa equipe. Para chegar na casa dele tivemos que descer uma ladeira a pé. É que choveu muito na noite passada e o carro não conseguiria fazer o caminho de volta.

Seu Wilson contou que escreveu o e-mail uma semana depois que comprou o computador. O enxame do seu Wilson é um exemplo de como a abelha tubi vive na natureza. “Aqui é uma colméiazinha dela no tronco da árvore aqui”, diz seu Wilson. Troncos de árvores servem de moradia para muitas abelhas sem ferrão.

O Brasil possui cerca de 400 espécies e muitas delas ainda sem nenhum estudo. As mais famosas são a jataí, a mandaçaia, a uruçú e a jandaíra. A abelha tubi é do sul do Maranhão, sul do Piauí e norte do Tocantins. Ela tem menos de um centímetro e sua espécie ainda não foi identificada cientificamente. A tubi vem ganhando fama depois que seu Wilson passou a frequentar eventos por todo o Brasil, onde posou ao lado de alguns dos pesquisadores mais respeitados em abelha nativa.

“E aqui tem então, participação no Piauí, no Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, na Paraíba, onde tem congresso de abelha eu vou. Tanto levo novidade quanto trago”, diz Wilson. Ele informou que 90% dos congressistas que ele frequenta não conhecem a abelha tubi. O biólogo José Malheiros, por exemplo, trabalha na agência de pesquisa agropecuária e extensão rural do Maranhão e conhece o seu Wilson há 10 anos. Antes disso, nunca tinha ouvido falar na abelha tubi. O seu Wilson provocou os pesquisadores a vim visitá-los e a começar desenvolver pesquisa nos seus laboratórios e nas universidades.

“Não tem como falar de tubi sem falar com o seu Wilson e sem vir aqui à região de Barra do Corda”, diz Malheiros. O interesse pela abelha tubi começou há 25 anos, quando seu Wilson ainda era produtor de acerola.

E já que as abelhas nativas são excelentes polinizadoras, ele saiu em busca de uma espécie regional para aumentar a produção dos seus 2.100 pés da fruta. “Um dia eu visitei um vizinho e quando cheguei lá ele estava brigando com um caixãozinho de abelha porque ela não produzia mel, só produzia pólen. Que o pólen ele chama de saborá e xingando que aquela porcaria não dava mel, só dava saborá e ia jogar aquela abelha no mato. E eu me ofereci a comprar”, conta seu Wilson.

Ele abandonou a acerola depois disso porque a cooperativa que tinham faliu. “Aí eu passei dois anos sem tirar acerola e depois resolvi arrancar essa acerola e tocar o barco só nas abelhas. É a minha fonte de renda, 99%”, diz. Com a própolis e com o pólen da tubi, seu Wilson faz sabonete, shampoo, pomada e xarope. Produtos que vem sendo estudados por pesquisadores, devido aos bons resultados em alguns tratamentos.

Nós estamos a menos de 30 metros do meliponário e você pode estar se perguntando porque nós estamos usando essa roupa toda fechada, se a abelha tubi não tem ferrão. Bom, essa foi uma recomendação do seu Wilson, que trabalha assim, paramentado, no dia-a-dia, quando vai mexer com as abelhas. “porque ela tem uma mandíbula que belisca demais. Então você não resiste. Ela vem no rosto, no olho, na boca.

A solução é uma máscara muito simples de filó, que ela não vai, você colocou a máscara de filó. E botou na cabeça, pronto, você pode fazer toda a operação dela que, pronto, ela não vem mais em você. Não vai incomodar”, diz. Só para deixar claro: a tubi não tem ferrão, portanto não pica. Mas quando se sente ameaçada, costuma morder.

E com tanta abelha assim, melhor é estar protegido. As abelhas sem ferrão, como a tubi, fazem parte de um grupo chamado meliponíneos, daí o nome para o lugar onde elas são criadas: meliponário em vez de apiário. Os meliponários do seu Wilson tem até 60 caixas cada um. E ele tem 13 no total.

A caixa com tubi tem em torno de dez mil abelhas, pelo menos o dobro da população encontrada em colmeias de outras espécies brasileiras. “Aqui só abre com um ferro bem resistente, bem vedada. Eu vou tirar um pouco aqui de própolis, que ela vai se zangar um pouco”, diz. Na parte central da colméia fica o ninho, onde também se esconde a rainha, que é bem grandona e tem quase três vezes o tamanho das operárias.

Já nas bolsinhas ao redor do ninho é onde fica o alimento das abelhas: o pólen e o pouco mel que elas produzem. “Fica o mel, mas 90% do que tem aqui é pólen”. Wilson explica que cada célula de pólen é de uma cor, de acordo com a florada. “amarelo, pode ser escuro, pode ser vermelho, pode ser verde.

De acordo com o tipo de flor”. Segundo ele, cada colméia produz até oito quilos de pólen por ano, um quilo e meio de própolis por ano e de mel apenas duzentas ou trezentas gramas, no máximo trezentas gramas. Para que não haja concorrência da florada, seu Wilson deixa uma distância mínima de seis quilômetros entre um meliponário e outro.

Durante esses anos todos de observação sobre os hábitos da abelha tubi, seu Wilson notou que as caixas de madeira onde ficam as colméias influenciam, sim, na produção das abelhas. Ele usou um dos caixotes por cerca de 18 anos e aí adaptou para outro. “É um caixote de 50 x 25 e com a tampa. Adaptei para essa outra caixa aqui, que ela se desenvolveu mais rápido.

Que é o ninho, uma melgueira, outra melgueira e a tampa que é um padrão desenvolvido pelo um grande ilustre Paulo Nogueira Neto. E as medidas são as seguintes: 29 centímetros de frente, 25 de lateral e 24 de altura. Oito para cada repartimento. Dentro da caixa, fundos vazados com três ripas ajudam na sustentação do ninho e dos potes de mel e pólen. “Muito simples e muito fácil de se fazer”.

Sem esquecer que é preciso, do buraquinho, o alvado dela, para elas entrarem e saírem. Com essas caixas, seu wilson melhorou o manuseio das abelhas, principalmente no que se refere a multiplicação das colméias. “Se você pegar um repartimento desse cheio de cria, pegar um desse do fundo E colocar ele aqui em cima, Você já formou uma colméia. Sem tocar nas crias, sem apertar, sem machucar, sem nada. Uma das razões da tubi produzir tanto pólen é o fato da colméia ser tão populosa.

“Ela tem uma quantidade de indivíduos muito grande comparando com as outras abelhas nativas. E tem a relação de que ela tem um investimento grande na reprodução, para perpetuar a sua espécie. Então, esse pólen ele é determinante no desenvolvimento da larva. Até fechar o casulo e, depois, romper o casulo e ela já nasce, então adulta”, diz Malheiros. Longe do alvoroço das abelhas, o seu Wilson trouxe aqui para a gente, uma caixa cheia de pote, com pólen e mel. “Com uma pequena quantia de mel.

Que chega a ter no máximo 10% de mel aqui dentro, que não tiro. Eu prefiro explorar o pólen e deixar o mel para ela se alimentar, que ela vai produzir mais pólen para mim”, diz. É com o mel de abelha africanizada que seu Wilson bate o pólen e a própolis da tubi para desenvolver seus produtos.

A pomada de própolis, por exemplo, seu Sebastião Vieira Neto usou depois que afundou a perna numa pilha de carvão e de passar por duas cirurgias. “Foi uma queimadura bastante profunda, de terceiro grau. Esse osso da canela ficou de fora todo. A ferida fechou na faixa de uns quatro meses”, diz Sebastião Vieira Neto, trabalhador rural. Já seu Dionísio Bezerra foi picado por um inseto.

Ele foi operado no hospital de Teresina, no Piauí, e usou os produtos do seu Wilson para completar o tratamento passado pelos médicos. Ele acredita que a pomada com própolis ajudou a cicatrizar a ferida. “Essa doença minha foi tão forte, que ela foi cedendo, mas foi devagarzinho, devagarzinho, até quando fechou. Quando fechou estava com dois anos ou mais”, diz ele. No consultório do doutor Edeomílio Trovão, os produtos da abelha tubi fazem parte do receituário há pelo menos quatro anos.

“A grande vantagem é que você está utilizando um produto natural, substitui antibióticos e os resultados se fazem presentes no final de algum tempo. Ferimentos abertos, de pele, tanto superficiais quanto profundos, queimaduras de primeiro e segundo grau respondem muito bem a pomada de própolis”, diz o médico.

A bióloga Abigail Araújo, da Universidade Federal do Maranhão, sempre vem a Barra do Corda buscar a própolis da tubi para levar até o laboratório em São Luís. “O que seu Wilson Melo vem fazendo é o que a população já faz desde a antiguidade. Já utilizavam a própolis, principalmente para cicatrização de feridas, como antisséptico, analgésico, e é isso que a universidade está tentando fazer.

É através dos nossos resultados, fazer com que haja uma certificação desse produto para que seu Wilson possa comercializar com mais segurança”. Enquanto isso, seu Wilson continua com sua paixão por essas abelhas, sempre à disposição para ajudar quem deseja criá-las ou estudá-las. “Hoje eu sou investigador delas. Pesquisador delas. E gosto delas”, diz ele. As abelhas brasileiras, como a tubi, têm sofrido com o desmatamento. Quanto menos floresta, menos abelha. Essa é uma das maiores preocupações dos pesquisadores.

www.globo.com/globorural – 26/04/2009

4 - 8º ENCONTRO ESTADUAL DE MELIPONICULTURA

No dia 23/07, juntamente com o XIV SEMINÁRIO ESTADUAL DE APICULTURA, 13ª EXPOAPIS, 11º CONCURSO ESTADUAL DO MEL, 2ª MOSTRA TÉCNICO-CIENTÍFICA E DE INOVAÇÕES APÍCOLAS, 8ª JORNADA TÉCNICA DE CACHOEIRA DO SUL e 3ª APISARTE, acontecerá o 8º ENCONTRO ESTADUAL DE MELIPONICULTURA.

23-24 E 25 DE JULHO DE 2009 - ULBRA - UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
CACHOEIRA DO SUL – RS.

TEMA: ABELHAS: REFERÊNCIA AMBIENTAL E DE PRODUÇÃO

23/07 – QUINTA-FEIRA

8 –18h – Oficina Culinária – MEL na Panificação - Responsável: Zoot. Maristela Krüger; 14–18 h – VIII ENCONTRO ESTADUAL DE MELIPONICULTURA - Local: UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; 14 h - Palavras do Presidente - Aroni Sattler / FARGS-UFRGS;

14h15 - Reconhecimento das espécies de ASF do RS - Palestrante: Dra. Sidia Witter / FEPAGRO;

15 h - Meliponicultura no RS: importância ecológica e potencial econômico - Palestrante: Dra. Betina Blochtein / PUCRS;

15h40 -Intervalo;

16h10 - PROJETO MANDURI – sustentabilidade sócio-ambiental e conservação da Mata Atlântica - Dilton de Castro / Assoc. Papa-Mel de Apicultores/Rolante);

16h40 - Reintrodução e manejo de meliponas pela Agroecologia - Cesar Volpato / Centro Ecológico Ipê RS;

17h10 - Encerramento da sessão;

19 h – Abertura Oficial do Evento - Local: Casa de Cultura Paulo Salzano Vieira da Cunha.

Fonte: FAX: 51-3722-2181 ou e-mail: 14.seminarioapicultura.rs@gmail.com - Prof. Silvio Lengler, Rua Arsênio Machado Soares, 110 - CEP 97110-110 Santa Maria/RS.

5 - Criadores de abelhas sem ferrão do Maranhão visitam Alagoas

Objetivo é conhecer o processo de certificação orgânica do mel produzido pelas abelhas sem ferrão.

Da ASN/AL - Maceió - No próximo domingo (26), um grupo de 25 meliponicultores (criadores de abelhas sem ferrão) maranhenses chegará a Alagoas para conhecer a atuação do Arranjo Produtivo (APL) 'Apicultura no Sertão', no município de Pão de Açúcar. A missão é uma oportunidade de trocar experiências sobre as técnicas utilizadas no projeto de certificação orgânica do mel da região.

A certificação garante a procedência e a qualidade dos produtos obtidos, agregando valores de mercado e aumentando sua credibilidade por meio da comprovação de sua origem orgânica. O projeto inspeciona desde a fonte até o momento da comercialização, de modo a garantir a inexistência do risco de contaminação.

Depois de todo o processo de inspeção, que consiste em reunir dados de colheita, estoque, transporte, checagem de documentos, instalações e embalagens, o relatório é enviado à certificadora e, sendo aprovado, é concedido um selo de para ser colocado no produto, válido por um ano.

No Brasil, a certificação orgânica é realizada por certificadoras nacionais e internacionais. Entre as nacionais, estão o Instituto Biodinâmico (IBD), a Associação de Agricultura Orgânica (AAO) e a Fundação Mokiti Okada (MAO).

O Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural de Botucatu, em São Paulo, realiza há mais de dez anos a certificação no País e detém credenciamento junto à Federação Internacional de Movimentos de Agricultura Orgânica, a Infoam.

O grupo da missão técnica de meliponicultores também passou pelo Ceará para conhecer as experiências realizadas no estado. Pão de Açúcar é um dos mais de dez municípios do APL Apicultura do Sertão e que tem registrado aumento no número de produtores e na produção do mel.

Meliponicultores

A meliponicultura tem o manejo mais simplificado do que a apicultura, pois não requer o uso constante de vestimentas especializadas. As abelhas desse gênero (melípona) se adaptam facilmente às diferentes condições climáticas e a viabilidade de criação próxima a residências e na zona urbana. É uma prática ecologicamente sustentável e economicamente viável, já que o quilo do mel das melíponas é bem valorizado, em função do seu uso medicinal.

Enquanto o mel produzido por abelhas Apis Melíferas (abelhas com ferrão) custa em média R\$20,00 o quilo, a produção das melíponas pode ser vendida por até R\$ 100,00 o quilo. A principal diferença está na produtividade, a Apis Melífera chega a produzir até 80 quilos de mel por caixa anualmente, já as Melíponas produzem apenas seis quilos.

Fonte: Agência Sebrae de Notícias (ASN) - Sebrae/AL - (82) 4009-1600 - www.agenciasebrae.com.br24/04/2009

6 – Carta ao Ministro Carlos Minc

Amigos da APIME e representantes das FEDERAÇÕES DE APICULTORES,

Dia 28 de Abril é o Dia da Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro e que nele vivem diversas espécies abelhas nativas. Dentre as espécies vegetais desse bioma, a Umburana de Cambão, *Commiphora leptophloeos*, é uma das que mais abriga ninhos de meliponíneos (abelhas nativas).

Por entender a importância desta árvore na conservação dos ninhos das abelhas nativas, e destas na polinização da vegetação nativa e por consequência a preservação do bioma, além de tudo isso atender aos objetivos das Convenções da Biodiversidade e de Combate à Desertificação, a APIME enviou ao Ministério do Meio Ambiente proposta de proteção da Umburana de Cambão.

Nesta semana da Comemoração do Dia da Caatinga, solicitamos o apoio de todos no sentido de requerer do Ministério do Meio Ambiente os encaminhamentos necessários para a efetivação da proposta de proteção da Umburana de Cambão.

Assim, convidamos você a participar dessa mobilização e solicitar que envie e-mail com a seguinte mensagem:

“Concordo com a proposta de proteção da umburana de cambão, como forma de preservar as abelhas nativas, polinizadores e conservadores da vegetação do bioma Caatinga. Proposta APIME protocolada sob os N°s 00000.015367/2006-00 e 00000.015232/2006-00 / MMA. ”

Para os endereços eletrônicos (copie e cole no destinatário do e-mail): carlos.minc@mma.gov.br,
cecilia.brito@mma.gov.br, braulio.dias@mma.gov.br, joao.seyffarth@mma.gov.br,
conama@mma.gov.br, conama@mma.gov.br, apime.pe@hotmail.com

(Respectivos e-mails de: Carlos Minc - Ministro de Meio Ambiente, Cecília Brito - Secretária Executiva de Biodiversidade e Florestas, Bráulio Dias - Diretor do Departamento de Conservação e Biodiversidade, Chefe do Núcleo Caatinga/MMA, Conselho Nacional de Meio Ambiente e a APIME).

Para outras consultas sobre o assunto, a APIME tem publicado na Revista Mensagem Doce um artigo intitulado: A Preservação das Abelhas Nativas como Instrumento para Unificação de Ações Efetivas das Políticas Ambientais para O Semi-Árido Nordeste. (Artigo de Número 12), que pode ser consultado no seguinte endereço: www.apacame.org.br/mensagemdoce/100/artigo12.htm.

Contamos com você nesse processo!

Atenciosamente,

Alexandre Moura – Presidente da APIME - "Preservando as abelhas nativas" – Associação Pernambucana de Apicultores e Meliponicultores - Rua da Aurora, 295, Sala 917 - Boa Vista - Recife – PE - CEP 50.050-000 – Fax: (81).3421.4833.

7 - UFPB apóia curso de especialização em Meliponicultura

A criação de abelhas sem ferrão para a produção de mel, ou Meliponicultura, é uma das grandes possibilidades de inovação para o mercado de produtos alimentícios no Brasil. A Paraíba, nesse contexto, apresenta grande potencial para o desenvolvimento dessa atividade, uma vez que algumas de suas abelhas já são tradicionalmente manejadas e apresentam grande capacidade produtiva.

Assim é que a Universidade Federal da Paraíba, através do Departamento de Sistemática e Ecologia (DSE) do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), e do Prodemá - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio-Ambiente, em convênio com o Meliponário Massapê, realizará nos dias 16 e 17 de maio, o Curso Especializado de Meliponicultura: Criação de Abelhas Sem Ferrão.

As aulas teóricas serão ministradas no Prodemá (CCEN), e as aulas práticas no Meliponário Massapê, localizado no bairro Bancários, próximo ao campus universitário, pelo mestrando em Gerenciamento Ambiental Jerônimo Villas-Bôas, entre as 9h e 17h.

Segundo ele, o principal objetivo desse curso é fornecer conhecimentos teóricos e práticos sobre a criação dessas abelhas de acordo com técnicas e tecnologias modernas, visando capacitar profissionais de ciências biológicas e agrárias, potenciais criadores e multiplicadores dessa atividade, assim como incrementar o conhecimento daqueles que já praticam a meliponicultura.

O curso oferece apenas 15 vagas, com direito a certificado. As inscrições vão até o próximo dia 30, e podem ser feitas pelos telefones (83) 88803107 ou 88803084, com Ana Laura ou Jerônimo.

Fonte: Apacame Plenário - Veículo: Paraíba Online - Seção: Educação/Ciência - Data: 23/04/2009 Estado: PB.

8 - Mel de abelhas nativas com recorde de produção

A Associação de Criadores de Abelhas Nativas da APA de Guaraqueçaba (Acriapa) bateu recorde de produção de mel. No terceiro ano da organização dos produtores, o grupo colheu 130 quilos de mel, 225% a mais do que no ano passado. A produção é beneficiada, envasada e comercializada pelos 25 produtores que compõem a Acriapa.

O produto sai das reservas naturais Rio Cachoeira, Morro da Mina e Serra do Itaqui, mantidas

pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS) em Antonina e Guaraqueçaba. O projeto é apresentado como uma alternativa adequada para o manejo produtivo em áreas naturais.

A produção do mel pela abelha nativa é em menor quantidade do que as abelhas do gênero *Apis*, espécie exótica invasora de origem africana, mas o quilo de mel da espécie Jataí, por exemplo, chega a valer seis vezes mais. Enquanto um quilo do mel dela chega a custar R\$ 100, o da *Apis* custa em torno de R\$ 15.

Fonte: Veículo: Jornal de Londrina - Seção: Rural - Data: 12/05/2009 - Estado: PR

9 – Acontece a primeira reunião de 2009 do Grupo de Curitiba e Região de MELIPONICULTURA

A reunião realizou-se das 15 às 17 horas, desenvolvendo a seguinte pauta: III Seminário Paranaense de Meliponicultura, Comissão de Meliponicultura da FEPA, Regulamentação da Resolução Conama nº 346/2004, Câmara Técnica de Apicultura e Meliponicultura da SEAB/CEDRAF, Cadastro de Meliponicultores, Reunião Mensal de Apicultores e Meliponicultores e assuntos gerais.

Estiveram presentes: roberto de a silva (andrades@seab.pr.gov.br - 0**41.3313.4132) - Marcos Dalla Costa (semamandi@yahoo.com.br - (021).41.3626.1401) - Paulo Luciano (pauloluciano@emater.pr.gov.br - 0**41 - 3250-2263); Benedito Uczai (41-3626.1663); Aldivar Aparecido (aldi_caipira@hotmail.com - 41.3318.5734); Francisco Ruppel (ruppel@hotmail.com - 41.3569.56331); Felipe T. Budil (felipebudil@gmail.com - 3246.6340 - 8412.0031); Francisco de Paula Xavier Jr (fpxavier@terra.com.br - 41-3360.5966/3366.8725); Adhemar Pegoraro (apegoraro@ufpr.br - 3350.5778 - 8803.8848); Antonio Tadeu Niser (anniser@ig.com.br - 9987.4833); Hermes H. Palumbo (hermespalumbo@hotmail.com - 3779.8196) e Vanderlei Rocha dos Santos (napisul@ig.com.br - 021.3624.1324).

Eis a seguir, resumidamente, os pontos debatidos com as respectivas conclusões:

a) - Comissão de Meliponicultura da FEPA - Explanou-se sobre a necessidade de formalizar-se uma representação do Grupo de Meliponicultura, que reúne-se periodicamente na SEAB ou Emater-PR, de forma que ocorra uma melhor divisão de trabalho (elaboração de atas/memórias/propostas, convocação, etc), a fim de que não ocorra sobrecarrega sobre algumas pessoas e todos possam contribuir.

Uma alternativa é constituir-se em nível da FEPA (Federação Paranaense de Apicultura), de uma Comissão de Meliponicultura. Restou decidido que o assunto precisa ser melhor analisado e debatido nas próximas reuniões e que continue-se com a coordenação de Roberto (SEAB), Paulo (Instituto Emater-PR) e Marcos Dalla Costa (Sema Mandirituba).

b) - III Seminário Paranaense de Meliponicultura – O Marcos Dalla Costa (Sema mandirituba) propôs realizar o III Seminário Paranaense de Meliponicultura em Mandirituba, juntamente com seus parceiros do Grupo de Meliponicultura (Benedito Uczai e Francisco Ruppel). Debateu-se a proposição, teceu-se considerações sobre as dificuldades e facilidades e aprovou-se o evento nesse município da RM de Curitiba. Todos deverão ajudá-lo a viabilizar tal evento.

E já devem enviar sugestões de temas/palestrantes e formato do evento, cujo consenso é que deve partir da viabilização do modelo/formato do I e II Seminário Paranaense (palestras e mostra de meliponicultura). Sugestões deve ser enviadas para: Marcos Dalacosta: semamandi@yahoo.com.br - (021).41.3626.1401.

c) - Regulamentação da Resolução Conama nº 346/2004 - A proposta de regulamentação foi

debatida ao longo de 2008 e aprovada no III Seminário Paranaense de Meliponicultura, realizado em 28 novembro de 2008. Assim, nesse ano de 2009 deve-se encaminhá-la às autoridades relacionadas ao tema: MMA, CONAMA, IBAMA, SEMA e IAP, através da FEPA, entidade patrocinadora do evento anterior.

d) - Câmara Técnica de Apicultura e Meliponicultura da SEAB/CEDRAF - Já está instituída em nível do CEDRAF (Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar) no âmbito da SEAB, a Câmara Técnica de Apicultura e Meliponicultura. Debate deve ser feito, a fim de viabilizar a sua concretização, com a indicação de entidades participantes e seus representantes. O debate deve continuar nas próximas reuniões.

e) - Cadastro de Meliponicultores – Explanou-se sobre a necessidade de conhecer-se os meliponicultores paranaenses (produção de mel e demais produtos, nº de colônias, espécies de ASF criadas, etc), a fim de subsidiar-se as políticas públicas que devem ser estruturadas e viabilizadas e as ações a serem desencadeadas pelos atores do processo da meliponicultura. O debate deve continuar nas próximas reuniões.

f) - Reunião Mensal de Apicultores e Meliponicultores - Explanou-se sobre a necessidade de definir-se um dia específico para a realizações de reuniões do Grupo de Curitiba e Região de Meliponicultura.

Restou aprovado que as reuniões serão realizadas na última quinta-feira de cada mês, ficando a próxima para dia 28 de maio, no horário das 19 às 21 horas, no anfiteatro de SEAB, visando desenvolver e aprofundar os temas desta reunião e deliberar sobre novos encaminhamentos.

Fonte: Roberto de A Silva – andrades@seab.pr.gov.br – (0**41).3313.4132 - 12/05/2009

10 - Reunião Mensal do Grupo de Curitiba e Região de MELIPONICULTURA: 28 de maio de 2009, anfiteatro da SEAB.

Na reunião anterior do Grupo de Curitiba e Região de Meliponicultura, deliberou-se por realizar uma reunião mensal, a qual dever acontecer na última quinta-feira do mês. Assim, a próxima nesta nova fase , será dia:

Data: 28/05/2009 (quinta-feira)

Local: Anfiteatro da SEAB (rua dos Funcionários, 1559 – Cabral – Curitiba – PR – 3313.4132).

Hora: 19 às 21 horas

Pauta:

III Seminário Paranaense de Meliponicultura (27 de novembro, em Mandirituba - PR), Organização dos Meliponicultores (Comissão de Meliponicultura da FEPA), Regulamentação da Resolução Conama nº 346/2004 (encaminhamento da proposta para MMA, CONAMA, IBAMA, SEMA E IAP) ,Câmara Técnica de Apicultura e Meliponicultura da SEAB/CEDRAF (entidades participantes e representantes), Cadastro de Meliponicultores) e assuntos gerais.

Contato e informações com: roberto de a silva (andrades@seab.pr.gov.br - 0**41.3313.4132) - Marcos Dalla Costa (semamandi@yahoo.com.br - (021).41.3626.1401) e Paulo Luciano (pauloluciano@emater.pr.gov.br - 0**41 – 3250-2263).

<p>SEABDERAL DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@seab.pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 - deral@seab.pr.gov.br - www.seab.pr.gov.br -</p>
--